

Narrativas em disputa: desmantelando o sujeito universal e demarcando pontos de partida

O que é lugar de fala?

Djamila Ribeiro
Por MONTEIRO, Gabriela¹

Resumo

Resenha do livro *O que é lugar de fala?* é o primeiro livro da coleção *Feminismos Plurais*, lançado em 2017 e escrito pela ativista e intelectual Djamila Ribeiro. Nele a autora se propõe a desestabilizar as narrativas hegemônicas ao desmontar a falácia da voz universal e expor as diferentes condições sociais dos grupos para acessar lugares de cidadania. Propondo outros marcos epistêmicos e trazendo diversas referências da produção de conhecimento das feministas negras, Djamila denuncia como as relações de poder legitimam ou deslegitimam determinadas categorias a falar – e mesmo a existir. O livro também está sendo um fenômeno político de articulação e visibilidade, com eventos de lançamentos mobilizando milhares de mulheres negras brasileiras em todo o país. A presente resenha aborda os significados e inspirações do livro e da coleção e também conta com uma entrevista com a autora, num diálogo entre mulheres negras.

Sujeito. Narrativas. Disputa. Djamila Ribeiro

Narratives in dispute: dismantling the universal subject and demarcating starting points "What is a place of speech?"- Djamila Ribeiro

Abstract

"What is the place of speech?" is the first book in the *Feminismos Plurais* collection, published in 2017 and written by activist and intellectual Djamila Ribeiro. In this book, the author proposes to destabilize the hegemonic narratives by dismantling the fallacy of the universal voice and exposing the different social conditions of the groups to access places of citizenship. By proposing other epistemic milestones and bringing various references to black feminist knowledge production, Djamila denounces how power relations legitimize or delegitimize certain categories to speak - and even to exist. The book is also being a political phenomenon of articulation and visibility, with launch events mobilizing thousands of Brazilian black women throughout the country. This review addresses the meanings and inspirations of the book and the collection and also features an interview with the author in a dialogue among black women.

Subject. Narratives. Disputes. Djamila Ribeiro

¹ Bacharela em Comunicação Social – Jornalista, Especialista em Gênero, Desenvolvimento e Políticas Públicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM - UFBA), e-mail: gabbrielaaraujo@gmail.com

Djamila Ribeiro é uma das vozes negras de maior visibilidade atualmente no Brasil. Feminista negra, além de exercer um intenso ativismo nos meios digitais, também é Mestra em Filosofia Política pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e colunista de diversos veículos. Foi nomeada secretária-adjunta de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo em 2016 e segue fortalecendo a participação política das mulheres negras brasileiras. Desde o mês de novembro de 2017, ela esteve em vários eventos e espaços midiáticos promovendo seu livro, intitulado *O que é lugar de fala?*, o primeiro a ser lançado na Coleção Feminismos Plurais.

A proposta dessa coleção é justamente trazer conceitos e questões importantes para os feminismos numa linguagem simples e pedagógica. O livro de Djamila é didático, perspicaz, escrito num estilo delicioso e, principalmente, acessível. E é apenas o primeiro de outros títulos desta linha “O que é...”, trazendo debates complexos e urgentes, promovidos pelos feminismos negros, populares e decoloniais. *O que é lugar de fala?*, para além de um ótimo livro, é um fenômeno da articulação das mulheres negras em torno da nossa produção de conhecimento. No dia do lançamento oficial em São Paulo, 100 livros foram doados, num evento cuja fila dava voltas pelo quarteirão, composta principalmente de mulheres negras.

No Rio de Janeiro, a multidão (novamente em sua maioria de mulheres negras) foi tanta que o evento precisou ser feito na rua, lotada. Segundo a própria autora, em depoimento nas redes sociais:

O livro está esgotado em diversas livrarias, as pessoas me escrevem todos os dias pedindo lançamentos em suas cidades, inclusive, em breve, vamos soltar informações de como fazer isso porque nossos lançamentos são sempre construção coletiva e colaborativa. Deixar o livro em 19,90 mais frete grátis, foi bem complicado e, por conta disso, temos dificuldade em fechar as contas. Mas nosso editor, Gustavo Abreu, acreditou no nosso projeto; era muito importante para nós manter o livro acessível. Também por isso fechamos parcerias para distribuir gratuitamente. Não tem glamour, colocamos o livro na mala, nosso editor traz no porta malas do carro e dirige de BH para a cidade onde será o lançamento e fica até o final do evento vendendo os livros. Absolutamente tudo é feito de forma coletiva.

A força da coletividade é sentida ao longo de toda a leitura. E como nossos passos vêm de longe, Djamila Ribeiro escolhe uma frase de outra reconhecida feminista negra brasileira, Lélia Gonzalez, para abrir sua obra:

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.

Quando o lixo fala, é melhor escutar, porque o potencial criativo das pensadoras e ativistas marginalizadas é capaz de desnudar as muitas desonestidades intelectuais e injustiças naturalizadas: expor o engodo da suposta universalidade dos sujeitos privilegiados, a perversidade das relações desiguais de poder e virar esta sociedade caótica de ponta cabeça, a fim de transformá-la.

O clássico discurso de Sojourner Truth (“E não sou eu uma mulher?”) é utilizado no livro para demonstrar que desde muito tempo as mulheres negras estão lutando para se afirmar como sujeitos políticos e denunciando a falácia da universalização da categoria mulher. Muitas foram as autoras que refletiram a ausência de mulheres negras e indígenas no feminismo hegemônico, como Lélia Gonzalez, desestabilizando a ideologia dominante. Djamila Ribeiro também se refere à Linda Alcoff para demarcar a importância de dismantlar uma epistemologia que se propaga e se impõe como universal, e a necessidade de se pensar outros saberes, como no caso brasileiro, em que temos as heranças epistêmicas das mulheres de terreiro, das lalorixás e dos Babalorixás.

O pensamento de Linda Alcoff aponta para a necessidade de pensar a importância das identidades na construção de um projeto de descolonização epistemológica. E a estadunidense bell hooks já havia definido a si própria como uma intelectual por unir pensamento e prática, para entender sua realidade concreta. Embasada por essas autoras, Djamila propõe um debate em que se busque entender “como poder e identidade funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades”. Sem essa percepção, não será possível compreender a complexidade e as truncadas dinâmicas das estruturas de opressões e privilégios e quais os seus impactos em nossas vidas.

O livro traz reflexões das várias feministas negras, a exemplo da também estadunidense Patricia Hill Collins, que são fundamentais para que possamos ampliar nossas categorias de análise. Quando não tratamos das diferenças existentes entre os grupos sociais, invisibilizamos as necessidades específicas de corpos e vidas que carregam distintos marcadores. E Djamila Ribeiro lembra que uma das grandes contribuições das feministas negras foi justamente ressaltar a importância de nomear: “Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível”. Para nós,

mulheres negras, o direito a ter voz reflete a reivindicação do nosso direito de existir. Nós reivindicávamos nosso direito à vida, à visibilidade das nossas produções – e à nossa própria humanidade.

Para entender o que é lugar de fala, o conceito de *outsider within*, de Patricia Hill Collins, muito nos ajuda a perceber o uso criativo do lugar de marginalidade que as mulheres negras propõem ao refletir a organização social. Na universidade, por exemplo, não estamos lidando com “objetos” de estudo, e sim das nossas próprias vidas. Djamila Ribeiro fala que esse lugar, que poderia ser traduzido para o português como o de ‘forasteira de dentro’, remete ao não lugar da mulher negra na sociedade – e ela explana sobre como nós podemos observar “o quanto esse não lugar pode ser doloroso e igualmente atentas também no que pode ser um lugar de potência”.

Ela retoma ainda a tradição de discussão sobre *feminist stand point*. Numa tradução literal, seria o “ponto de vista feminista”, um debate muito moldado a partir dos movimentos sociais. Djamila Ribeiro defende que a partir da teoria do ponto de vista feminista, é possível marcar o lugar de fala de quem propõe as análises. Ainda se referindo à produção de Collins, Djamila explica:

Quando falamos de pontos de partida, não estamos falando de experiências de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania. Seria, principalmente, um debate estrutural. Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades.

E o falar aqui “não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”. Não é sobre reproduzir essencialismos (como muitas vezes nós feministas negras somos acusadas, em declarações que falam mais sobre quem as fazem do que sobre nossas teorias), mas de compreender como se constroem as subalternidades, já que a certos grupos foram negados os direitos de falar e de existir.

A grande Conceição Evaristo, ao falar sobre o “universal” que nos esvazia de toda a humanidade, disse que sua escrita “parte de uma experiência de mulher negra e que é capaz de convocar a humanidade do outro, não expulsá-la, e isso é universal. Eu, com todas as minhas diferenças, ser capaz de convocar”². A coleção *Feminismos Plurais* convoca as humanidades e intelectualidades historicamente negadas: o segundo título lançado foi *O que é Encarceramento em Massa?* da pesquisadora Juliana Borges e o terceiro, *O que*

2 Trecho de entrevista cedida ao Jornal Brasil de Fato em 3 de maio de 2018.

é *Empoderamento?*, da escritora Joice Berth. Até a conclusão desta resenha, em maio de 2017, foram vendidos 15 mil livros de *O que é lugar de fala?*, e os três primeiros livros da coleção *Feminismos Plurais* estavam entre os mais vendidos da Amazon na categoria Estudos sobre a mulher.

É preciso compreender desde onde falamos para desestabilizar os discursos hegemônicos, mas também para apontar outros mundos e códigos possíveis, além de escancarar a disputa epistêmica e pôr abaixo a ficção mal-ajambrada da neutralidade. Os grupos que sempre estiveram autorizados devem começar a aprender a escutar, pois agora “o lixo vai falar. E numa boa”. E ninguém melhor que a própria Djamila Ribeiro para falar um pouco sobre as revoluções promovidas por essas falas.

Dialogando com a autora: uma conversa entre mulheres negras

Gabriela: Djamila, “O que é lugar de fala” é um livro, mas também é uma ventania, um fenômeno de popularidade que reflete o direito ao grito dos sujeitos invisibilizados. A coleção *Feminismos Plurais* tem essa marca da ousadia – e também de nascer coletivamente, a partir de uma pluralidade de pensadoras e pensadores. Por esses dias, o grande Mateus Aleluia falou: “Eu estou no meu hoje. E o meu hoje é contínuo, o meu hoje é gerundial. Ele tem uma vibração que não termina”³. Você diria que a *Feminismos Plurais* tem uma vibração que não termina?

Djamila: Eu acredito que sim, é uma coleção que ainda não tem um final demarcado. A gente vem recebendo propostas, agora vamos fechar para falar sobre feminismos indígenas. É um caminho em aberto. Então nesse sentido também é uma vibração que não termina. A gente tem conseguido manter os prazos de lançar um livro a cada dois meses, e de trazer autores e autoras de diversos lugares e regiões do Brasil: Nordeste, Norte, Sudeste, Sul. Cada lançamento pra gente é um acontecimento, sobretudo para nós, mulheres negras e homens negros – que também fazem parte da coleção.

Semana que vem vamos lançar a prévia do *O que é racismo estrutural?*, do Silvio Almeida, julho vem *O que é interseccionalidade?*, com a Carla Akotirene. Então concordo muito, acho que tem essa vibração que não termina sobretudo por ser um caminho contínuo, coletivo, construído com muito trabalho, numa editora pequena – e mesmo assim a gente conseguir fazer barulho. Mesmo com todos os impeditivos do sistema literário que ainda nos sufocam e nos impedem de construir mais, a gente tem conseguido romper muitas barreiras. Até porque a gente inovou nos lançamentos, com a colaboração de

3 Trecho de entrevista cedida à Revista Bravo em 26 de abril de 2018.

companheiros e companheiras. No lançamento do Rio, a gente fez na rua, em frente à Casa Nem, e pedimos também doação de absorventes para mulheres encarceradas e doação de comida pra Casa Nem. Empreendedoras negras foram expor seus trabalhos e vender, desde cervejeiras feministas negras a mulheres artesãs. Sempre temos um cuidado de fazer um evento coletivo em que as pessoas possam participar e ser um momento de efervescência cultural, de resistência, mas também um momento de alegria. Porque é importante para nós também podermos vivenciar e celebrar os momentos. A gente luta muito, é tudo muito difícil. Então acho que é importante celebrar, até para manter essa vibração contínua.

Gabriela: Tem uma citação da Sojourner Truth que você destaca no livro: “É melhor vocês mesmas reformarem a si mesmas em primeiro lugar”, numa referência a uma possível cegueira que ela aponta das sufragistas em relação ao racismo e à realidade das mulheres negras. Eu gostei muito de você ter destacado isso porque essa frase me lembra os conselhos que ouvi de mulheres negras mais velhas, e mesmo de mulheres não-negras, trabalhadoras rurais, sobre a importância de viver uma vida – e conseqüentemente um ativismo – com coerência. Você diria que a partir dos nossos diversos lugares de fala, estamos operando com um “glossário” ético diferente? Por exemplo, esse exercício de autocrítica e da coerência, será uma utopia achar que será feito pelos grupos dominantes?

Djamila: Sem dúvida nenhuma acabamos operando por um glossário ético diferente no sentido de que, por conta dos lugares sociais que a gente ocupa, acabamos tendo uma reflexão mais crítica da sociedade. Ao passo que muitas pessoas privilegiadas sequer são forçadas a pensar sobre isso e naturalizam os seus privilégios, acreditando que são direitos. As pessoas que estão localizadas num lugar de poder têm muito mais dificuldade de fazer uma reflexão crítica e de entender qual é a sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais justa – e também qual é a sua postura ética. De pensar lugar de fala como uma postura ética, de entender que seu lugar é construído à base da opressão de outros grupos. Então acho muito mais difícil essa autocrítica e essa coerência vir dessas pessoas. Porém pertencer a grupos sociais vulnerabilizados não significa que a gente inerentemente tem uma consciência crítica sobre esse lugar, muito pelo contrário.

Vivemos numa sociedade alienante, nem todo negro vai ter consciência crítica do racismo, nem toda mulher do machismo, e assim por diante. Mas mesmo essas pessoas não tendo consciência crítica do que aquilo significa, e muitas vezes reproduzindo um discurso do qual elas mesmos são vítimas, ainda continuam sendo exploradas. Elas continuam sendo discriminadas, continuam sofrendo por conta dessas opressões estruturais, ao passo que as pessoas privilegiadas, por mais que elas não consigam refletir criticamente, continuam

beneficiadas. Essa é a grande diferença. Então não acho que seja impossível essas pessoas terem coerência, mas acho que é um caminho muito mais difícil. Sobretudo quando você carrega privilégios e não vai querer abrir mão deles tão facilmente, não vai querer fazer uma consciência crítica de quanto que o teu lugar é construído à base da opressão de outros grupos.

Gabriela: A demarcação de que partimos de distintos lugares de fala ajuda a tirar da invisibilidade o grande trabalho emocional que muitas de nós temos ao lidar com os discursos das pessoas “universais”. A jornalista inglesa Reni Eddo-Lodge certa vez escreveu⁴:

Eu não posso mais falar com gente branca sobre raça, por causa das conseqüentes negações, das piruetas desajeitadas e acrobacias mentais que elas exibem quando isso é trazido à sua atenção. Eu não posso mais ter essa conversa, porque geralmente estamos chegando a ela vindo de lugares completamente diferentes. Eu não consigo conversar com elas sobre os detalhes de um problema se elas nem sequer reconhecem que o problema existe.

Como podemos articular estratégias para enfrentar a violência epistêmica sem adoecer ou sermos aniquiladas?

Djamila: É muito difícil quando as nossas produções vêm sendo sistematicamente ou invisibilizadas ou apropriadas. Eu acho muito importante falar de apropriação cultural como um mecanismo muito forte de epistemicídio e adoecimento nosso, em que as nossas culturas e as nossas produções vêm sendo historicamente apropriadas e esvaziadas de sentido com um único objetivo de mercantilização. E o quanto depois esse dinheiro não vem para nossas mãos, mas segue em mãos brancas.

Apropriação cultural é um mecanismo extremamente violento, que as pessoas reduzem a “poder ou não poder usar turbante”, em vez de fazer a discussão séria. Remonta muito ao que o Abdias de Nascimento fala no livro *O Genocídio do Negro Brasileiro*, que genocídio é todo aniquilamento moral, intelectual e político de um povo. Não é só a nossa morte física. A gente morre quando matam as nossas produções, quando matam a nossa cultura. Temos várias mortes simbólicas durante a vida. Então de fato isso é extremamente violento. As estratégias são como as mais velhas vêm fazendo historicamente, acho que Lelia Gonzalez é um grande exemplo disso. A Luiza Bairros e tantas que conseguiram ir para a academia e produzir epistemologias negras..., mas a

⁴ Tradução minha de trecho do post escrito por ela em seu blog em 2014, intitulado *Why I'm no longer talking to white people*. Em 2017, Reni Eddo-Lodge lançou um livro com o mesmo título.

que custo? A gente sabe o quanto isso custou para elas, na verdade. Para muitas delas, como Neusa Santos, como tantas que foram adoecendo. É tristíssimo isso porque tem um custo alto... Mas ao mesmo tempo as produções dela estão aí – e eu e você hoje podemos partir dessas produções. Como eu faço no meu livro, trago várias delas. Então elas continuam vivas de um outro modo, na nossa construção histórica, nas nossas epistemologias, nas nossas resistências e possibilidades de reexistências. Elas seguem.

Penso que é muito difícil falar de como pensar estratégia para não adoecer ao fazer esse enfrentamento do racismo epistêmico. E acho que um dos caminhos é a construção coletiva de espaços onde a gente consiga se conscientizar coletivamente, para poder fazer o enfrentamento e não se sentir sozinha. Acho que isso é o grande problema que aflige muitas de nós, mulheres negras: a solidão. E sobre solidão reduziu-se a falar só como uma questão afetiva, de uma perspectiva heterossexual, mas essa solidão é uma solidão institucional. A solidão que a gente sente na academia, nas instituições, trabalhando nos diversos lugares que a gente trabalha... A solidão que a gente sente mesmo na militância, ao fazer o enfrentamento do racismo, do sexismo – muitas vezes somos atacadas inclusive por companheiros negros que não entendem a discussão contra o sexismo, contra o patriarcado. Um modo de não adoecer é a gente tentar encontrar estratégias de enfrentar essa solidão que nos é imposta quando a gente pensa criticamente. Para que quando voltamos dessas lutas, tenhamos colo, acolhida. Acho que também é importante criar espaços de autocuidado pra nós, que lutamos muito. Encontrar momentos para estarmos entre nós, nos cuidarmos: uma trançar o cabelo da outra, falar da vida, uma cuidar do filho da outra... construir uma rede de afeto entre nós. Porque a gente foi muito construída para não sermos amadas, para sermos fortes o tempo inteiro. Então acho que essas redes de afeto e de carinho, que a gente pode criar entre nós, e momentos de lazer e de cuidado mesmo, onde a gente não precise falar de militância, sejam momentos importantes para curar feridas e fortalecermos umas às outras.

Gabriela: Por fim, acho que podemos afirmar com tranquilidade que as narrativas produzem realidades. E a coleção *Feminismos Plurais* constrói sensibilidades, dismantando os discursos hegemônicos que alimentam as estruturas e relações de submissão. Você poderia falar um pouco sobre as realidades que têm sido produzidas desde que seu livro nasceu – e também os livros da Juliana Borges e da Joice Berth?

Djamila: Venho falando muito isso nas palestras que venho dando, como as narrativas e realidades estão inerentemente ligadas. Sempre falo como a construção do homem negro como agressivo e violento está ligada diretamente a forma como ele é tratado – e até a forma da legitimação da sua morte. Porque muitas vezes vão falar: “Ah, ele deveria ser violento, deveria estar envolvido com

o crime! ”. Então, como essas discussões estão inerentemente ligadas? Muitas vezes as pessoas nos dizem: “Vocês estão num debate acadêmico, teórico...”, sem entender que a construção da nossa teoria está totalmente ligada à construção da nossa realidade e ao modo como a gente é tratada. É justamente por isso que a gente precisa criar outras possibilidades de ser negro e de ser negra, para além dessa invenção do negro por uma perspectiva colonizadora – que é uma perspectiva que nos homogeneiza, nos retira humanidade.

Construir essas outras realidades é essencial e a gente tem sentido muito a adesão das pessoas. As pessoas estão se sentindo felizes com a coleção, na forma como ela tem chegado, nas andanças que a gente faz, nas respostas que a gente tem, nas periferias... Pessoas que muitas vezes não tinham o hábito da leitura. Porque o objetivo da coleção é ter uma abordagem didática – o que é muito diferente de ser palatável. A gente não é palatável em nenhum momento, mas sim acessível, também pelo preço. Então isso vem criando realidades muito interessantes, dos livros sendo utilizados por coletivos negros, em aulas, em universidades... Já foi adotado por muitas disciplinas. As pessoas estão sentindo e usando como instrumento para basear seus trabalhos. O livro da Juliana tem sido muito importante por pensar uma criminologia numa perspectiva feminista negra. Ela tem recebido convites para viajar pelo Brasil, para falar sobre o tema a partir dessas teóricas negras, pensar um feminismo que não seja um feminismo legalista. Entendendo que num país que encarcera em massa a população negra, não tem como a gente se pautar por essas questões legais. O da Joice saiu há pouco tempo, mas já vem numa procura muito grande, de ressignificar o que é empoderamento (esse conceito foi muito esvaziado), por uma perspectiva feminista negra. São realidades muito interessantes no sentido de furar barreiras, tencionar termos e temas, conseguir uma linguagem potente, e seguir criando potências.

É importante lembrar que a gente não está inventando nada, porque em todos os livros a gente traz trajetórias de tantas mulheres negras que abriram caminhos pra nós. Só foi possível pensar uma coleção como essa por conta dessas mulheres. Elas também construíram realidades – e me fizeram pensar a partir dessas realidades que construíram e fortaleceram. E a gente segue nesse caminho, aberto por tantas delas. O meu livro já vendeu 15 mil exemplares. Numa editora super pequena, esse é um número muito importante, sobretudo num país que não tem tanto o hábito da leitura. A gente tem sentido o quanto isso tem fortalecido as pessoas negras, sobretudo porque nosso maior público é de mulheres negras. Mas o livro também tem tido uma adesão interessante entre pessoas brancas que estão começando a pensar os seus lugares. Isso é interessante. A gente precisa parar de pensar que só pessoas negras têm que ler a gente. Não, as pessoas brancas têm que nos ler para que elas possam criar um mundo onde existam outras possibilidades de existência – e não o mundo

que foi apresentado pra elas, pautado só no homem branco europeu. É importante que elas nos leiam para tencionar esse mundo que foi criado para elas. Criar rachaduras nesses mundos, para que elas entendam que existem outras criações de mundo, de narrativas, e, conseqüentemente, de realidades.

Referência

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Coleção Feminismos Plurais, Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.